

O CIRCO¹

Achilles Vivacqua



[4]² O circo, dentro da noite, era um guarda-sol estampado de bicos vermelhos de luz, aberto na praça.

— Sofre, Lolita?

— Segura nas minhas mãos...

— Estão frias.

Eles estavam assentados, bem juntos, lá no alto da arquibancada.

— Que é que você tem?

— Isto me enerva.

No picadeiro, ante o olhar pasmado da assistência, uma bailarina magra, faiscando “lamé” no vestido berrante, atirava facas de longos gumes e finas pontas para o ar. Em seguida, aparava-as, com destreza, entre os dedos longos, jogando-as para um lado, onde um faquir, numa postura de buda, grande turbante branco na cabeça, por sua vez, aparando-as no espaço com as mãos de grandes unhas curvas, ia enterrando-as nas pernas

¹ VIVACQUA, Achilles. O circo. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 30, p. 4-5, 27 jul. 1935.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

mirradas e secas que tinha cruzadas, numa serenidade impassível de homem habituado às infinitas mortificações.

— Já estou com o cérebro confuso.

— Não se impressione.

— Isto me destempera os nervos.

— Olha como é ridículo o faquir! Tudo aquilo não passa de truques.

Lolita, achegando-se mais a ele, fechou os olhos azuis para não ver, apertando-lhe com força nas mãos as unhas vermelhas e afiadas, toda trêmula.

— Vamos embora?

— Você quer?

— Quero. Vamos.

Iam se levantando, quando as luzes, no picadeiro, de repente se apagaram para, num momento, se reacenderem. Surgira, com a claridade, um palhaço boêmio, de enorme nariz vermelho, e, ao seu lado, um homem de fortes músculos, vestido de peixe, se perfilava. Lolita riu. O palhaço começou a cabriolar no picadeiro, dentro de uma roda de algazarra e gargalhadas vindas de todos os lados do circo. A criançada numa alegria incontida gritava:

— Segura o nariz, se não cai! Olha a boca dele! Tira outro nariz, palhaço!

E ele, arrancando, um atrás do outro, mais de dez narizes, decrescentes besuntados de vermelhão, virou-se para a plateia e disse com os gestos largos:

— Atenção! Respeitável público e *pública*, vamos assistir agora ao número mais sensacional do circo *Irmãos Saturno*: o mergulho do peixe-espada. Atenção!

Com o peito revestido por forte armadura de aço, brilhando de recamadas escamas de variegadas cores, o homem-peixe-espada

adiantou-se e, após curvar-se reverentemente, saudando a plateia silenciosa, subiu veloz como um calango por uma escada de cordas bambas, dependurando-se pelos pés no trapézio que balouçava junto ao pano escuro, no alto.

Lolita agora não ria. Estava mais emocionada. Sentia o mesmo estado de agitação incompreendido como naqueles primeiros dias de contato com Nolasco, revestido [5] de um misto de ternura e de medo, que agora ia lhe pondo muito desejo de estar só com ele, longe daquele ambiente carregado de suor, no silêncio doentio do sanatório.

O homem-peixe-espada, dependurado no trapézio, balançava para lá, para cá, com o impulso do corpo, enquanto no picadeiro o palhaço boêmio com um dos narizes na mão, forrado de penas, o acompanhava no espaço. O palhaço, depois de dar três cambalhotas, gritou para o maestro que parasse a charanga. Em todo o circo pairou um silêncio de casa vazia. Os espectadores eram vultos imóveis, encolhidos, contendo a respiração, emocionados. De braços esticados e mãos unidas para a frente, qual enorme peixe espada em pleno mergulho, num impulso mais forte do corpo, ele se atirou no espaço para atingir duas argolas que estavam dependuradas na outra extremidade do picadeiro. Falhara, porém, o pulo. Descrevendo uma parábola longa no ar, o homem-peixe-espada precipitou-se de ponta-cabeça, no meio da arquibancada, do outro lado do circo. Acudiram gritos por todos os cantos. Seguiram-se atropelos de amarra-cachorros de casacas berrantes, na carreira, e de soldados de sabres em punhos, abrindo alas, no meio do povo atônito. Momentos depois, passado o pânico, houve um silêncio de pasmo nas arquibancadas. Arrastado pelo palhaço boêmio e

a bailarina magra, o homem-peixe-espada atravessava o picadeiro com o crânio partido, todo ensanguentado.

Gritos histéricos de mulheres rebentaram de novo por todos os lados.

O homem-peixe-espada estava morto.

— Agora vamos. É o que você queria que eu visse, Nolasco.

— É bom. Destempera os nervos.

— Vamos.

Eles saíram a custo.

Na rua, muito unidos, foram andando em silêncio. Varredores raspavam os paralelepípedos com grossas vassouras de palmeiras. Na esquina de uma rua um cão ladrou dentro das grades do jardim. Lolita unira-se mais a ele. Carroças pesadas rolavam com brutalidade, carregadas de lixo. Galos, longe clarinavam, espancando o silêncio da madrugada...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur, Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

